

SURDEZ E FAMÍLIA: A COMUNICAÇÃO ENTRE SURDO E OUVINTE NO CONTEXTO FAMILIAR

Larissa Meira Santiago (UESB)¹

lariissaa.meiraa@hotmail.com

Lorena Andrade Santos (UESB)

lorenaandrade10@outlook.com

Márcio Gonçalves dos Santos (UESB)

neggrosantos@gmail.com

Ione Barbosa de Oliveira Silva (UESB)

iboliveira@hotmail.com

Eixo Temático: Cultura e Literatura Surda

RESUMO: O presente artigo é resultado de uma pesquisa de caráter qualitativo que buscou analisar de que forma ocorre a comunicação entre surdo e ouvinte no seio familiar, assim como verificar se há implicações no tipo de comunicação utilizado na relação entre eles. Para essa investigação, utilizamos como suporte teórico Perlin (2003); Silva (2007) e Perlin e Strobel (2014). Como instrumento de coleta de dados, utilizamos entrevistas semiestruturadas com o surdo e sua mãe ouvinte. A partir da análise dos dados foi possível compreender o quanto o conhecimento da Libras é imprescindível para que a comunicação seja satisfatória e o quanto a sua falta impossibilita uma melhor relação entre mãe ouvinte e filho surdo.

Palavras-chave: Comunicação. Interação. Família. Surdez.

1. INTRODUÇÃO

Todo ser humano tem uma capacidade para a linguagem e, conforme hipótese inatista, cunhada por Chomsky, essa capacidade é inata, ou seja, todos os indivíduos nascem com essa dotação genética. É também por meio da linguagem que os seres humanos entram em contato com os valores culturais e com o mundo, é, portanto, um instrumento de formação cultural, pois é por meio dela que o indivíduo conhece, adquire uma cultura e constrói sua identidade.

Conforme Goldfeld (1997), a linguagem é parte essencial do sujeito e é por meio desta que o sujeito pode interagir e significar o mundo; para Saussure (2012), a linguagem é social e assim, é uma necessidade humana nas interações e relações com o outro; para Geraldí (2003),

¹ Os autores do artigo integram o Grupo de Estudos Linguísticos da Libras-Gelibras da Uesb, *campus* de Jequié.

a linguagem é fundamental no desenvolvimento de todo e qualquer homem e é condição *sine qua non* na apreensão de conceitos que permitem aos sujeitos compreender o mundo e agir sobre ele. Fica evidente assim, que a linguagem é parte do sujeito e por meio dela que ele se constrói e interage com o mundo.

A linguagem possibilita a comunicação e interação entre os indivíduos e por meio das convivências sociais que a atividade de pensar e expressar-se torna mais intensa. Assim também acontece com os surdos, como seres humanos, eles têm a mesma capacidade genética para adquirir uma linguagem humana. Porém uma de modalidade viso-espacial e não oral-auditiva.

A comunidade surda brasileira utiliza a Língua Brasileira de Sinais- Libras, língua sancionada pela Lei 10.436/02, no dia 24 de abril de 2002, pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, esse reconhecimento possibilitou a visibilidade de uma língua de modalidade viso-espacial, indispensável para o empoderamento da Comunidade Surda e, conseqüentemente, a valorização da cultura e da identidade do povo surdo. A legitimidade das línguas de sinais contribuiu de forma significativa para ascensão social dos surdos em todos os espaços da sociedade, oportunizando mais autonomia e a expressão de seus pensamentos e opiniões.

Essa lei estabelece direitos que são essenciais para a pessoa surda, de modo a garantir o exercício pleno e efetivo de sua cidadania. Libras é uma língua viva que expressa a beleza de um povo, capaz de propiciar ao surdo o desenvolvimento da sua cognição e pensamento, além de garantir seu acesso ao meio social e cultural. Porém no quesito comunicação e interação no contexto social e familiar muitas vezes isso não acontece.

Nesse sentido, entendendo a comunicação como um fator de suma importância para a interação social, o presente artigo foi realizado com o intuito de compreender de que forma acontece a comunicação entre o filho surdo e sua mãe ouvinte, se por gestos caseiros ou pela Libras. Além disso, buscamos analisar se a comunicação entre os entrevistados de nossa pesquisa acontece de forma exitosa ou se há algum empecilho. Para alcançar nossos objetivos, levantamos as seguintes questões que nortearão nosso trabalho: De que forma uma família de surdo e ouvintes se comunicam? Quais são os efeitos dessa comunicação para o surdo e para sua família?

Desta maneira, este trabalho abordará sobre a cultura surda e sua importância para o sujeito surdo. Além de trazer alguns conhecimentos básicos da comunidade surda e da Libras, abordaremos ainda sobre a comunicação do surdo e a família ouvinte e, por fim, problematizaremos os resultados obtidos por meio dos dados obtidos por meio das entrevistas.

2. LIBRAS: a língua da comunidade surda brasileira

A história da Libras tem seu início em 1857 com a fundação do Instituto Imperial de Surdos-Mudos, no Rio de Janeiro, hoje conhecido como INES². Desde então, a Libras tem conquistado seu espaço e seu reconhecimento como uma língua legítima e natural como qualquer língua oral.

É uma língua como qualquer outra, capaz de demonstrar toda expressividade humana e garantir ao surdo pleno desenvolvimento cognitivo e social, tem característica visual-espacial, realizada com as mãos e percebida por meio da visão. “A cena, entretanto, é absolutamente silenciosa. As mãos não param um só instante, movimentos corporais e expressões do rosto parecem enfatizar certos diálogos” (LUBBADEH, 2006, p.81).

A Libras, como toda Língua de Sinais, é uma língua de modalidade gestual-visual porque utiliza, como canal ou meio de comunicação, movimentos gestuais e expressões faciais que são percebidos pela visão; portanto, diferencia-se da Língua Portuguesa, que é uma língua de modalidade oral-auditiva por utilizar, como canal ou meio de comunicação, sons articulados que são percebidos pelos ouvidos. Mas, as diferenças não estão somente na utilização de canais diferentes, estão também nas estruturas gramaticais de cada língua. (Revista da FENEIS, número 2:16 apud RAMOS, 2006, p. 10)

Deve-se entender que a língua de sinais no Brasil passou por vários processos para que se estruturasse e fosse realmente reconhecida como Libras, uma língua que oportuniza o desenvolvimento cognitivo e intelectual de seus usuários. Diante disso, sendo uma língua natural, a Libras possui estruturas gramaticais específicas e que não deve ser comparada à língua portuguesa na perspectiva de ser diminuída, ou seja, ser colocada como inferior à língua oficial do país. Dessa forma, Libras não se trata de gestos aleatórios, pois possui uma estrutura gramatical própria e suficiente para dar conta de toda comunicação dos surdos.

A LIBRAS é dotada de uma gramática constituída a partir de elementos constitutivos das palavras ou itens lexicais e de um léxico (o conjunto de palavras da língua) que se estruturam a partir de mecanismos morfológicos, sintáticos e semânticos que apresentam especificidades, mas seguem também princípios básicos gerais. Estes são usados na geração de estruturas lingüísticas de forma produtiva, possibilitando a produção de um número infinito de construções a partir de um número finito de regras (BRITO, 1997, p.23).

² Instituto Nacional de Educação de Surdos.

Desta maneira, fica evidente que por meio de sua língua, os surdos podem interagir social e culturalmente com seus pares e também com ouvintes que conheçam a Libras. É por meio da Libras que os surdos podem expressar suas ideias, críticas, falar sobre suas experiências de vida e fazer questionamentos sobre o mundo. Assim, a Libras é parte da vida do surdo e torna-se indiscutível sua importância para o desenvolvimento linguístico e social da pessoa surda.

3. CULTURA SURDA

Para Lima (1997 *apud* SILVA, 2007, p.279), a surdez é caracterizada como um problema sensorial e ocasiona algumas dificuldades na recepção e percepção de alguns sons. Podendo ocorrer em vários graus, do mais leve ao mais profundo. No entanto, partimos do pressuposto de que a surdez não deva ser vista como um problema para o surdo, mas uma diferença cultural e linguística.

A percepção da surdez hoje é vista por uma nova perspectiva, torna-se uma característica da condição humana, do sujeito surdo, embora ainda prevaleça no imaginário da sociedade a visão patológica vinculada ao ser surdo. O surdo ainda é visto como alguém desprovido de atributos inerentes ao próprio ser humano. Conforme Garcia (2009), “A surdez é muito mais um problema para o ouvinte do que para o surdo”.

De acordo com Perlin (2005), o processo de ouvintização³ propaga a ideia que o surdo precisa se adequar a sociedade ouvinte, se comportar como tal e seguir seus modelos culturais. Pois assim, é ser o “normal”, o aceitável para conviver de forma harmoniosa em sociedade. O pensamento da normalidade ainda reverbera em alguns discursos e ações em nossa sociedade. Isso pode ser percebido todo o tempo nos diversos ambientes sociais e nas mídias de comunicação, seja de forma sutil ou evidente. O discurso da normalidade tenta impor uma marca que não satisfaz plenamente ao ser surdo.

Embora o termo surdez, em uma perspectiva clínica, remeta à deficiência, que significa a falta, insuficiência de algo, pessoa incompleta. Este termo, na atualidade, está atribuído de novos significados, de um novo sentido, principalmente para os surdos. A surdez conseguiu nos últimos anos reconfigurar e transcender sua definição. Pois, numa visão socioantropológica, a surdez não é vista como um defeito.

³ Termo utilizado por Perlin (2005), para se referir ao processo de normalizar o surdo fazendo com que se comporte como ouvinte.

Essa mudança de perspectiva deve-se, principalmente, pelo protagonismo dos surdos, seu empoderamento e construções sociais e políticas advindas pela legitimidade da língua de sinais. De acordo com Perlin e Strobel (2014), os surdos na contemporaneidade afirmam fortemente sua condição humana de forma natural, de forma consciente e principalmente política. No entendimento de que são politizados e conhecedores de seus direitos conquistados, através das militâncias, podem expressar livremente seus saberes nos espaços em que a língua de sinais é difundida.

A ideologia da surdez perpassa principalmente pelos aspectos culturais e identitários, pois, os sujeitos surdos fazem parte de um grupo cultural específico, embora também inseridos culturalmente na sociedade ouvinte, com inúmeros artefatos, elementos que definem a cultura surda.

A comunidade surda construiu um jeito peculiar de ser e existir, sua singularidade potencializou marcas profundas, caracterizadas pelos seus direitos. Conforme observamos no excerto das autoras:

Assim como ocorre com as diferentes culturas, a cultura surda é o padrão de comportamento compartilhado por sujeitos surdos na experiência trocada com os seus semelhantes quer seja na escola, nas associações de surdos ou encontros informais. Isto origina a identificação de pertencer a um povo distinto, caracterizado por compartilhar língua de sinais, valores culturais, hábitos e modos de socialização (PERLIN e STROBEL, 2014, p.25).

Devido às especificidades da língua de sinais, sendo sua modalidade viso-espacial, a percepção visual dos surdos é algo marcante e determinante. Através das intensas interações, convivências nas comunidades e grupos, os surdos conseguem fortalecer sua cultura e assim, construir suas mais diversas identidades.

Dessa forma, a surdez assume um destaque que ultrapassa a visão da deficiência, da anormalidade e adquire um patamar de visibilidade social, principalmente respaldado pela diversidade.

A identidade surda torna-se um atributo essencial da personalidade dos surdos, pois, visa justamente valorizar seu ser, a pessoa enquanto um ser humano dotado de dignidade, capacidade e racionalidade. O processo de formação de identidades perpassa principalmente pela sociabilidade, pelo uso constante da língua de sinais e sua consolidação através das expressões dos mais diversos pensamentos dos surdos. Assumir a identidade surda é um ato político e de grande valor ao ser diferente. Diferença essa potencializada pela condição do ser, e não pela falta do ser. Nesse sentido, Garcia (2009) diz que a surdez não pode ser vista pela

sociedade através do viés da incapacidade, da ausência, sendo que, há muitas evidências que provam o contrário. A surdez, assim, deve ser analisada e pensada sempre pelo âmbito das virtudes dos sujeitos surdos, de suas qualidades ocultas ou visibilizadas. Sabemos, contudo, que a identidade se constrói, além de um ambiente social, familiar. Porém, tendo em vista que muitos surdos são filhos de ouvintes, muitas dessas relações ficam impedidas de acontecer ou acontecem de forma bastante debilitada.

4. COMUNICAÇÃO E FAMÍLIA

No tocante à família, entende-se que essa seja o ambiente onde se estabelece as primeiras relações de comunicação, tendo em vista que pais e/ou familiares são os primeiros a estabelecer contato com o indivíduo. De acordo com Kelman et al (2011), é no espaço familiar que ocorre as primeiras experiências de convívio social, a partir dessas a criança desenvolve não só a sua capacidade de interagir e conviver com outros agentes que compõem a sua sociedade, mas também acontece a promoção de fatores internos relacionados ao seu desenvolvimento cognitivo. Portanto, o que se busca identificar em termos do diálogo entre surdo e ouvinte dentro do contexto familiar é como acontece essa comunicação e a partir de como ocorre, compreender os resultados.

Dentro de uma família formada por ouvintes, o surdo precisa manter a comunicação de forma clara, considerando suas necessidades, mas, por vezes, a maneira em que a comunicação está sendo levada é o que vai de fato, reger o diálogo dentro de certa família. Dessa maneira, podemos identificar, inicialmente, a Libras, leitura labial e os gestos como meios de comunicação dentro de um lar, significando que, mesmo que o surdo tenha uma língua específica, ainda é muito comum que o diálogo aconteça por meio do que a literatura chama de sinais caseiros.

Silva (2007) diz que, inicialmente, uma família com um membro surdo tende à resistência, o que começa a ser modificada com o passar do tempo, num processo de adaptação a essa realidade. O tipo de comunicação entre pais ouvintes e filhos surdos, por exemplo, pode ser resultado de um processo de adaptação e é de fundamental importância que se compreenda que o tipo de adaptação utilizado, muitas vezes, se constitui a única forma de comunicação entre surdos e seus familiares.

5. REFLEXÕES ACERCA DA COMUNICAÇÃO FAMILIAR DO SURDO

5.1 METODOLOGIA E PERFIL DOS INFORMANTES

Para a realização do nosso trabalho, optamos pela pesquisa qualitativa, porque segundo Godoy (1995), com ela o ambiente a ser pesquisado deve ser natural, tendo o pesquisador contato direto com a situação ou ambiente que esteja estudando e todos os recursos precisam estar em sintonia para a coleta de dados, sendo fundamentais as anotações feitas. Dessa forma:

A pesquisa qualitativa é descritiva: a palavra escrita ocupa lugar de destaque nessa abordagem, desempenhando um papel fundamental tanto no processo de obtenção dos dados quanto na disseminação dos resultados. (GODOY, 1995, p.62)

Para realização desta pesquisa, fizemos uma entrevista semiestruturada com dois informantes: um surdo e sua mãe ouvinte, ambos da cidade de Jequié-Ba. As entrevistas foram feitas separadamente, em dias diferentes na casa dos próprios informantes. A entrevista da mãe foi realizada pelas pesquisadoras e transcrita em língua portuguesa. Com o surdo, a entrevista foi realizada em Libras e, como não utilizamos de nenhum sistema de escrita para Libras, a entrevista foi transcrita para a língua portuguesa.

Para manter a privacidade dos nossos informantes, os chamaremos o surdo de G2 e sua mãe ouvinte de A1. O surdo- G2 nasceu surdo, tem 40 anos de idade, trabalha como instrutor de Libras em uma associação de surdos na cidade de Jequié e é fluente em Libras. Sua mãe- A1 é ouvinte, com 64 anos de idade e não domina a Libras.

De posse dos dados coletados e analisados, buscamos verificar os objetivos traçados com base na escolha teórica adotada no estudo. Além disso, como compromisso social e ético dos pesquisadores, os informantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE e termo de autorização de uso das informações dadas.

5.2 ANÁLISE DOS DADOS

Geralmente, é no contexto familiar que o sujeito se constrói, se desenvolve e cria vínculos afetivos. O surdo, como qualquer indivíduo necessita manter essas relações familiares, no entanto, a falta de uma língua em comum se torna um impedimento para uma boa comunicação, consequentemente, o estritamente das relações.

Dessa forma, na tentativa de compreender um pouco sobre o tipo de comunicação utilizada por nossos informantes no contexto familiar, perguntamos a A1-mãe se alguém da família possuía algum domínio de Libras. A1-mãe respondeu que somente G2, seu filho possuía o domínio da língua. Em seguida perguntamos em quais espaços ele utilizava Libras, ela respondeu que: “os espaços mais comuns é no trabalho, com os colegas de lá e de outros lugares fora de sua cidade como em Vitória da Conquista BA, por conta de sua namorada, que também é surda, ser de lá e conhecer outros falantes da língua”. Ao fazermos a mesma pergunta a G2-surdo, a resposta só confirmou o que sua mãe tinha dito.

Segundo Dizeu e Caporali (2005), o contato do surdo com espaços nos quais ele possa se comunicar por Libras proporciona inúmeros benefícios. Muitas vezes, esses espaços são os únicos lugares que surdos podem se comunicar por meio da Libras. Esse espaços podem contribuir com: i) reconhecimento de sua cultura; ii) seu modo de vida em comum com outros surdos e; iii) características peculiares que compõem a sua esfera social. Assim, a inserção de G2 nesses espaços corrobora não só a reafirmação da sua identidade, mas também favorece a sua interação. O que demonstra que mesmo não mantendo uma comunicação em casa com o uso da Libras, o surdo pode desenvolver-se cultural e linguisticamente em comunidades surdas.

Assim como em muitas famílias de surdos filhos de ouvintes, a comunicação estabelecida entre os nossos informantes se dá por meio de gestos. A maioria das famílias ouvintes com filhos surdos não sabe libras, o que inviabiliza uma comunicação eficaz dentro da própria casa. Essa relação fragmentada poderá trazer prejuízos à vida familiar e social do surdo.

Percebemos, a partir dessa pesquisa, que há dois tipos de língua no contexto familiar dos nossos entrevistados: uma oral e outra sinalizada. Porém, um não fala a língua do outro, o que leva a ambos não se compreenderem. No caso de G2, sua primeira língua é a Libras enquanto que a língua portuguesa é a língua materna de sua mãe-A1. O que leva a existir divergências na comunicação. Dessa maneira, o ideal seria a família ouvinte aprender a Libras, visto que:

É por meio da comunicação que o ser humano se integra, participa, convive e se socializa. Nesse processo, a família aparece como grande responsável, pois é nela que se inicia a formação social de um ser humano. Para isso acontecer, é necessário o estabelecimento de um canal de linguagem comum. (NEGRELLI e MARCOM, 2006, p.103).

Desta forma, a família exerce papel fundamental na constituição do surdo enquanto sujeito. Percebemos, no entanto, que a falta de uma língua em comum, poderá inviabilizar essa participação da família na vida do surdo.

Partindo desse mesmo princípio, perguntamos a A1-mãe se os gestos seriam suficientes para dar conta da comunicação entre eles e se o fato de ela não saber Libras gerava dificuldade na comunicação. Ela respondeu:

Com certeza os gestos não são suficientes e nos gera muitas dificuldades, por exemplo, há muitas coisas que não consigo falar com ele, perguntar ou explicar, assim como não conseguimos entendê-lo em tudo, ou seja, a comunicação não é clara entre nós e com isso às vezes nosso diálogo se encurta, causa nervoso nele e frustração em mim (A1, 2019).

De acordo com Kelman et al (2011), mesmo que estudos indiquem que as relações entre mães ouvintes e filhos surdos apresentam pouca interação, os autores orientam que ainda assim, é importante que os pais continuem mantendo o contato visual com seus filhos. Nessa perspectiva, embora a comunicação entre os entrevistados enfrente problemas e não seja muito exitosa, mantê-la ajuda a estreitar a relação entre eles.

Da mesma forma perguntamos ao filho, G2, se os gestos são suficientes e se ele sentia alguma dificuldade em comunicar-se em casa, tendo em vista o não domínio da Libras por parte de sua mãe. Ele responde que os gestos não dão conta da comunicação e que muitas vezes ele precisa escrever as palavras para que o entendam por conta da dificuldade do entendimento advindo dos gestos.

Notamos que, por mais que haja uma relação de afeto entre os entrevistados e uma tentativa para manter a comunicação, esta é pouco proveitosa. Os gestos não são suficientes para manter uma conversa, uma discussão, o que corrobora com Adriano (2013, p.34), quando argumenta a respeito desse contexto, “Os sinais emergidos nessa situação são extremamente restritos em seu repertório vocabular e podem comunicar fatos somente no momento de sua ocorrência, tornando difícil relatar acontecimentos passados e/ou assuntos que envolvam níveis de abstração”.

Por esse viés, é notório que a comunicação estabelecida pelos sinais caseiros não dá conta de expressar de forma clara e objetiva fatos e abstrações que compõem a realidade, cabendo apenas a Libras a solução da comunicação eficaz.

É por meio da apropriação da língua de sinais que os surdos conseguem avançar socialmente e se desenvolver linguístico e culturalmente. Tal importância também foi salientada pela nossa informante A1 quando diz que “a libras é uma língua muito importante porque é a partir dela que o surdo vai interagir de forma mais inteirada na sociedade, ou seja,

comunicar-se com outras pessoas de forma completa, sem nenhuma dificuldade para expressar qualquer coisa”. (A1, 2019)

O surdo, por outro lado, não só reconhece a importância da Libras, pois como bom usuário, usufrui dos benefícios de se ter e poder falar nessa língua. Porém, as famílias dos surdos precisam não somente entender a importância da língua para seus filhos, mas entender a importância de eles também conhecerem esse código linguístico, não somente para estreitar relações familiares, mas contribuir com o desenvolvimento intelectual de seu filho surdo.

Na oportunidade, perguntamos aos entrevistados o que poderia ser feito para melhorar a comunicação entre eles. Ambos responderam que a única forma seria por meio da Libras. Nesse caso, A1-mãe sente a necessidade de aprender Libras, mas não sabe por que não o faz.

Tendo a Libras como língua ideal para a pessoa surda, podemos compreender que em uma família de ouvintes e surdo faz-se necessário o uso pleno desta, tendo em vista a facilidade de comunicação, além disso, corrobora com a plena interação do surdo, necessária ao seu desenvolvimento. Dessa forma:

A participação da família na comunicação do surdo, por meio dos sinais, possibilitará a esse indivíduo a interação com o mundo e tornará o convívio mais agradável e feliz. Igualmente essa língua, na educação e nas escolas, vai proporcionar a vivência de uma realidade bilíngue das relações culturais, institucionais e sociais (NEGRELLI e MARCOM, 2006, p.103).

A Libras é tão importante na vida da pessoa surda, quanto uma língua oral para o sujeito ouvinte. É símbolo da identidade social do surdo e de pertencimento, o que causa sentimentos positivos e o entendimento que sua língua é capaz de desvendar toda a complexidade presente em uma comunicação, tanto quanto a língua do ouvinte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto, entendemos que os surdos formam uma comunidade linguística e cultural distinta, pois além de compartilhar uma língua de sinais, existem valores culturais e maneiras de socialização próprios dessa comunidade. Fazer parte de uma comunidade surda significa mais do que compartilhar uma língua em comum, é uma forma de empoderamento do surdo e a afirmação da sua identidade. Como a comunicação com sua família acontece de forma bastante rudimentar, são nos espaços com seus pares que suas necessidades comunicativas são supridas.

A análise das entrevistas levantou questões primordiais para a reflexão, dentre elas destacamos a importância da comunicação enquanto forma de interação social, e a Libras como essencial nesse processo comunicativo entre o surdo e sua família ouvinte. Reiteramos que a Libras possui uma estrutura própria capaz de transmitir mensagens claras e precisas atingindo o objetivo da comunicação, diferentemente dos sinais caseiros utilizados como forma de comunicação pela família entrevistada. Como não existe uma estrutura, uma organização, os gestos não dão conta de uma comunicação eficaz, tornando a Libras indispensável. Percebemos assim, a necessidade de as famílias de surdos adquirirem a língua de seus filhos.

REFERÊNCIAS

ADRIANO, Nayara de Almeida. Sinais Caseiros: uma exploração de aspectos linguísticos. Dissertação de Mestrado (Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina Linguística, Florianópolis, 2010.

BRASIL. *Lei nº 10.436*, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.leidireito.com.br/lei-10436.html>>. Acesso em: setembro de 2019.

BRITO, Lucinda F. et al. *Secretaria de Educação especial Língua Brasileira de Sinais*. Vol. 3 Brasília: SEESP, 1997

DIZEU, Liliane Correia Toscano de Brito; CAPORALI, Sueli Aparecida. A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 583-597, Maio/Ago. 2005.

GARCIA, Eduardo Campos. *O Que Todo Pedagogo Precisa Saber Sobre Libras*: Os principais aspectos e importância da Língua Brasileira de Sinais. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015.

GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GODOY, Arlinda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de administração de empresas*, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GOLDFELD, Márcia. *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista*. 3 ed. São Paulo: Pleux, 2002.

KELMAN, Celeste Azulay et al. Surdez e família: facetas das relações parentais no cotidiano comunicativo bilíngue. *Linhas Críticas*, v. 17, n. 33, p. 341-365, 2011.

LUBBADEH, Jens. Línguas silenciosas. *Viver: Mente & Cérebro*, São Paulo: Duetto Editorial, v. 14, n. 165, p. 78-83, out. 2006.

NEGRELLI, Maria Elizabeth Dumont; MARCON, Sonia Silva. Família e Criança Surda. *Revista Ciência, Cuidado e Saúde*, Maringá, v.5, n.1, jan./abr. 2006.

PERLIN, Gladis TT. Alternativas metodológicas para o aluno surdo. Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria, Pró-Reitoria de Graduação, Centro de Educação, Curso de Graduação a Distância em Educação Especial, 2005.

PERLIN, Gladis; STROBEL, Karin. História cultural dos surdos: desafio contemporâneo. *Educar em Revista*, n. 2, p. 17-31, 2014.

RAMOS, Clélia Regina. *LIBRAS: a língua de sinais dos surdos brasileiros*. Editora Arara Azul, 2006.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 34ª ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SILVA, Angélica Bronzatto de Paiva; et al. Mães ouvintes com filhos surdos: concepção de surdez e escolha da modalidade de linguagem. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 2007.